

Perfil epidemiológico de casos de hepatite C em Florianópolis de 2010 a 2020

Mendes, B.G.; Spaniol, S.A.

Departamento de Análises Clínicas, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis

INTRODUÇÃO

A infecção pelo vírus da hepatite C é um grande obstáculo na saúde pública global, principalmente devido à alta taxa de progressão para doença hepática crônica, com morbimortalidade significativa. Sabe-se que a redução da carga da hepatite C exigirá uma compreensão nos seus padrões locais e nas disparidades sociais e raciais. Dessa forma, acredita-se que estudos epidemiológicos auxiliem nas ações de prevenção, controle, proteção, assistência, diagnóstico precoce, tratamento, bem como servem de base para futuros estudos. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi avaliar o perfil epidemiológico dos novos casos de hepatite C em Florianópolis, entre 2010-2020

MÉTODOS

Analisaram-se os dados disponíveis no portal SINAN sobre os novos casos de hepatite C, suas variáveis sociodemográficas, provável fonte/mecanismo de infecção e forma clínica. Os dados extraídos foram tabulados e a análise de tendência realizada por meio de modelo de regressão de Prais-Winsten no programa estatístico R.

RESULTADOS

No período avaliado, foram notificados 1.760 casos de hepatite C, com o coeficiente de detecção médio de 34,9/100.000 habitantes, sendo 48,1/100.000 o mais alto (2015) e 9,6/100.000 o mais baixo (2020), observando-se uma tendência decrescente ao longo dos anos ($p=0,022$). Destaca-se que a taxa de detecção média observada em Florianópolis foi superior às taxas dos estados da região Sul, das outras regiões do país e bem superior à brasileira (7,7/100.000 habitantes). Observou-se que 62,7% dos casos ocorreu em indivíduos na faixa de 40-59 anos, mas com tendência de queda nessa faixa etária. Dentre os casos notificados, 1.164 (66,1%) ocorreram em indivíduos do sexo masculino e 596 (33,9%) no sexo feminino, sendo que o número de casos em homens foi superior em todos os anos, com a razão de sexo (M:F) variando de 1,6 - 2,6. Quanto à provável fonte/mecanismo de transmissão, 33,2% dos casos foram registrados como "ignorado/branco", dificultando a avaliação. Dentre os casos cuja provável fonte/mecanismo de transmissão era conhecida, a maioria ocorreu por uso de drogas injetáveis (30,0%), seguido por via sexual (12,7%) e via transfusional (7,5%). Finalmente, observou-se predomínio da raça/cor branca (85,0%) e da forma clínica crônica, representando 92,7% dos casos

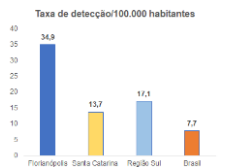


Figura 1 – Comparação da taxa de detecção média entre Florianópolis, Santa Catarina, Região Sul e Brasil.

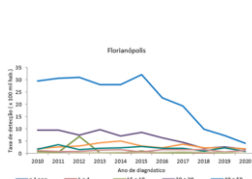


Figura 2 – Taxa de detecção de casos de hepatite C segundo a faixa etária.

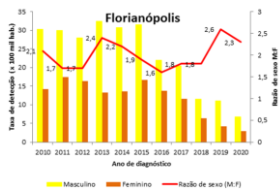


Figura 3 – Taxa de detecção de casos de hepatite C segundo sexo, razão de sexos e ano de diagnóstico.

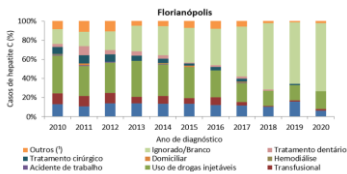


Figura 4 – Casos de hepatite C (%) segundo provável fonte ou mecanismo de infecção e ano de diagnóstico.



Figura 5 – Resumo dos resultados obtidos sobre o perfil epidemiológico da hepatite C em Florianópolis de 2010 a 2020.

CONCLUSÃO

O estudo permitiu gerar informações que poderão auxiliar não só a vigilância epidemiológica do município, mas também os profissionais de saúde no aprimoramento das ações de controle, prevenção, diagnóstico e tratamento precoce da doença.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico de Hepatites Virais**. Brasília, 2021.
- SANTA CATARINA. Secretaria de Vigilância em Saúde. Diretoria de Vigilância Epidemiológica. **Barriga Verde / Boletim Informativo de hepatites virais, 2021** – Santa Catarina - 2021.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. Department of Communicable Diseases Surveillance and Response. **Hepatitis B**. Geneva: World Health Organization; 2022.